

Marcadores de evidencialidade no português do Brasil

Evidentiality markers in Brazilian Portuguese

Gerda Haßler*

RESUMO

Este artigo trata dos marcadores de evidencialidade no português do Brasil. O português não tem marcadores de evidencialidade obrigatórios e gramaticalizados. Contudo, de uma perspectiva geolinguística, coloca-se a questão de se saber se o contacto com línguas com tais marcadores tem algum impacto no tipo e frequência de marcação de evidencialidade no português do Brasil. Primeiro, serão discutidas algumas expressões de evidencialidade em línguas indígenas no território brasileiro. Depois serão introduzidos alguns marcadores de evidencialidade, em particular *diz que* e *parece que*, e discutidas as suas funções. Muitos dos usos destes marcadores de evidencialidade não permitem a atribuição a tipos específicos de evidencialidade. Globalmente, pode concluir-se que o contacto com línguas com evidencialidade gramaticalizada pode ter contribuído para a elevada frequência de marcadores de evidencialidade no português do Brasil, mas não resultou em empréstimos de formas ou demarcações de tipos de evidencialidade.

Palavras-Chave: evidencialidade, marcadores, contacto linguístico, gramaticalização.

Articulista convidado

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.511>

*Universidade de Potsdam, hassler@uni-potsdam.de, orcid.org/0000-0002-0873-4186

Confluência. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 148-177, junho 2021

ABSTRACT

This paper is about evidentiality markers in Brazilian Portuguese. Portuguese does not have obligatory and grammaticalised evidentiality markers. From a geolinguistic perspective, however, the question arises as to whether contact with languages that have such markers has an influence on the nature and frequency of the marking of evidentiality in Brazilian Portuguese. First, some expressions of evidentiality in indigenous languages on the territory of Brazil will be discussed. Then, some evidentiality markers, especially *diz que* and *parece que*, are presented and their functions are discussed. Many uses of these evidentiality markers do not allow for attribution to specific types of evidentiality. Overall, it can be concluded that contact with languages with grammaticalised evidentiality may have contributed to the high frequency of markers of evidentiality in Brazilian Portuguese, but has not led to borrowings of forms or to the greater delineation of types of evidentiality.

Keywords: evidentiality, markers, linguistic contact, grammaticalization

Os estudos sobre evidencialidade em línguas românicas tornaram-se uma verdadeira moda nos últimos anos. A evidencialidade é entendida como qualquer tipo de marcação que aponta para a origem do conhecimento do falante, independentemente de esta advir da sua própria observação, de uma comunicação externa, de boato ou da sua própria reflexão. Enquanto em algumas línguas a marcação da evidencialidade é obrigatória em todas as enunciacões, nas línguas românicas não existem meios gramaticalizados para tal. Contudo, marcar a origem dos conhecimentos do locutor é uma necessidade universal, para a qual são utilizados elementos de diferentes níveis da língua, que desenvolveram secundariamente o significado da expressão da evidencialidade. Para o português, houve apenas estudos isolados, mas nenhum estudo sistemático dos marcadores de evidencialidade. Este artigo visa a investigar alguns marcadores de evidencialidade no português do Brasil. Considerar-se-á, igualmente, se podem ser detetadas alterações semânticas e morfológicas que sejam indicativas de processos de gramaticalização. Tentar-se-á ainda responder à questão de se saber se os contactos linguísticos com línguas com marcadores evidenciais gramaticalizados (inglês *evidentials* ‘evidenciais’) influenciam a marcação da evidencialidade no português do Brasil.

1. Evidencialidade em línguas indígenas no Brasil

Todas as línguas têm meios de expressar a origem dos conhecimentos do falante, desde verbos de fala ou expressão de opinião até advérbios, frases parentéticas, frases preposicionais e partículas. Cerca de um quarto das línguas do mundo desenvolveram uma categoria gramatical específica, a evidencialidade, para tal. Outras línguas, como as línguas românicas e o alemão, anexaram significados evidenciais a dispositivos linguísticos que originalmente desempenhavam outras funções. Enquanto os marcadores evidenciais, como meios de expressão gramaticalizados, estão estritamente relacionadas com o sistema gramatical de expressão obrigatória da fonte de informação, estes outros meios de expressão são heterogêneos e revelam sobreposição nas suas funções (Aikhenvald, 2007, p. 209). Os sistemas evidenciais são inventários gramaticais fechados, cujo significado principal é a referência à fonte de informação.

Em línguas com marcadores evidenciais obrigatórios, está disponível um sistema fechado de morfemas para expressar diferentes origens de conhecimento dos falantes, os evidenciais. Por exemplo, para a Tuyuca, língua falada no estado brasileiro do Amazonas e na parte colombiana de Vaupés por cerca de 500 a 1000 pessoas, foram identificadas diferentes expressões de evidencialidade, que, nos nossos procedimentos habituais, podem ser representadas como uma espécie de sufixos e ser relacionadas com tipos de evidencialidade definíveis (Barnes, 1984; cf. Haßler, 2016, p. 354)

1. Evidencialidade visual

- a. díiga apé-wi
futebol jogar-3^a PES.PRET.VISUAL
'Ele jogou futebol [eu vi].'

2. Evidencialidade auditiva, que muitas vezes se estende aos sentidos do olfato, do paladar e do tato

- b. díiga apé-ti
futebol jogar -3^a PES.PRET.NÃO-VISUAL
'Ele jogou futebol [ouvi-o, mas não o vi].'

3. Evidencialidade inferencial, baseada em factos sensualmente perceptíveis
 - c. díigaapé-yi
futebol jogar-3^a PES.PRET. INFERÊNCIA
'Tenho sinais de que ele jogou futebol, mas não o vi.'
4. Evidencialidade assumptiva baseada em inferência lógica, suposições, ou conhecimento do mundo
 - d. díigaapé-hīyi
futebol jogar-3^a PES.PRET.CONCLUSÃO
'É lógico assumir que ele jogou futebol.'
5. Evidencialidade reportativa ou de quota, com base na reprodução de afirmações ouvidas
 - e. díigaapé-yigi
futebol jogar-3^a PES.PRET.COMUNICADO
'Foi-me dito que ele jogava futebol.'

Em algumas línguas, é feita uma distinção entre a interpretação sem indicação do locutor original (evidência reportativa, *hearsay*) e com indicação desta fonte (evidência de quota) (cf. Aikhenvald, 2007, p. 211). A proposição *p*=que ele jogou futebol não é expressa na língua Tuyuca sem indicação da fonte a partir da qual um locutor tem esta informação. Ao receber uma indicação da fonte dos conhecimentos do locutor, o destinatário tem também uma forma de decidir por si próprio a fiabilidade da informação que recebeu. Assim, a evidencialidade também tem pontos de contacto com a modalidade epistémica em línguas com evidenciais, na medida em que a sua expressão também marca a cautela com que um locutor trata a informação e a sua atitude em relação à sua veracidade.

Mesmo em línguas com evidenciais puros, os marcadores evidenciais podem assumir a função pragmática de marcar a incerteza do falante. Tais relações estão presentes, por exemplo, nos sufixos *-mi/-shi/-chi* no dialecto huallaga da língua quíchua. Estes morfemas permitem ao locutor assumir ou rejeitar a responsabilidade pelo conteúdo do que é dito (cf. Haßler, 2016,

p. 355). Com *-mi* o locutor assume a responsabilidade, com *-shi* ele remete-a para outra pessoa, com *-chi* ele indica que é um conteúdo pelo qual não é possível assumir responsabilidade. De acordo com Weber (1989, p. 421), com (1) o locutor expressa a sua certeza, com (2) ele refere-se à comunicação de outra pessoa e com (3) ele refere-se a uma possibilidade:

- (1) quíchua: Wañu-nqa-paq-*mi*. ‘[Afirmo] ele vai morrer.’
- (2) quíchua: Wañu-nqa-paq-*shi*. [Foi-me dito] que ele morrerá.’
- (3) quíchua: Wañu-nqa-paq-*chi*. [Talvez] ele morra.’

O marcador de evidencialidade *-shi*, que sinaliza uma reprodução, vai muito além da expressão informativa em segunda mão. É também utilizado no chamado passado narrado, pelo qual não se quer assumir a responsabilidade. Na cultura quíchua, a credulidade deve ser evitada sempre que possível, e isto reflete-se na utilização deste marcador evidencial. Uma mistura das evidências morfologicamente concebidas com factos pragmáticos parece assim notória, logo que se examina para além das questões tipológicas a utilização destes elementos, nos quais há significados tanto evidenciais como modais.

A categoria de evidencialidade é, assim, organizada hierarquicamente em termos de previsibilidade tipológica. Se uma língua tem meios morfológicos específicos para expressar inferências, também dispõe de meios para marcar a fonte de conhecimento como percepção não-visual mais ainda como percepção visual (Haßler, 2016, p. 356):

percepção > percepção > boato > conclusão
(direta) visual não-visual

Um conceito de universais linguísticos que se concentra nas funções e permite que nem todas as línguas tenham meios gramaticais para a realização de uma função correspondente parece promissor para a descrição desta categoria em línguas como o português. Tomando como base restrições comunicativas-

pragmáticas e cognitivas, as evidenciais descritas para a Tuyuca poderiam ser vistas como uma solução, nomeadamente gramatical, para o problema da marcação da origem dos conhecimentos do locutor. No entanto, pode assumir-se que mesmo na utilização de línguas que, tal como o português, não possuem recursos especializados nesta área, existem situações em que a origem estrangeira dos conhecimentos do locutor ou a expressão de incerteza devida a inferência deve ser marcada, sendo esta marcação reconhecida como tal.

Hengeveld & Dall’Aglio Hattner (2015) conseguiram identificar quatro subcategorias de evidencialidade baseadas na gramática do discurso funcional em 64 línguas indígenas faladas no Brasil: evidencialidade reportativa, indução, dedução, e percepção direta do evento. Com a evidencialidade reportativa, o locutor refere-se ao ter a informação comunicada por outra pessoa. No seguinte exemplo da língua Lakondê, o sufixo *-setaw* é utilizado numa função reportativa (Telles & Wetzels, 2006, p. 240):

- (4) Lakondê: *ta’wɛn* ‘*teh-’naw* *ta-’qjh-wi-setaw-’tan*
 bosque caminho-loc dir-ir-1.você-**rep**-impf
 ‘Vamos para o caminho no bosque, alguém me disse.’

Hengeveld & Dall’Aglio Hattner (2015, p. 485) definem a inferência como uma conclusão do locutor com base no seu conhecimento e não como uma reação a impressões sensoriais recebidas do exterior. Difere da incerteza epistémica, na medida em que nesta última a incerteza não resulta de um processo de pensamento, mas o conhecimento enquanto tal já é incerto para o locutor. Neste sentido, no Karo, a partícula evidencial *memã* é utilizada para uma conclusão que é tirada no exemplo que se segue com base no conhecimento de um padrão de comportamento (Gabas, 1999, p. 269):

- (5) Karo: *aʔ=ket-t* *memã*
 3.sg=dormir-ind **infer**
 ‘Presumo que ele esteja a dormir.’

Dedução é o que Hengeveld & Dall’Aglio Hattner (2015, p. 486) chamam à derivação de informação a partir de percepções sensoriais, aproximando-as assim da evidencialidade, que de outra forma é normalmente chamada de inferencial. Em Tariana, o sufixo evidencial *-nihka* é utilizado para algo que não é derivado da percepção visual, mas que é derivado de características visíveis. Na frase seguinte, o locutor transmite o conhecimento de uma mordedura de cão que ocorreu, que adquiriu através dos seus traços visíveis (Aikhenvald, 2003, p. 288):

- (6) Tariana: *tʃinu niwħa-nihka di-na*
 cão 3.sg.nf.morder-rec.pst.ded 3.sg.nf-obj
 ‘O cão mordeu-o (consigo ver sinais disso).’

A dedução baseia-se principalmente na percepção visual, mas também pode ser baseada noutras impressões sensoriais, tais como percepções auditivas, como no seguinte exemplo da linguagem de Yuhup (Ospina Bozzi 2002: 183):

- (7) Yuhup: *jĩdǎh ǰabma ǰho*
 3pl dance ded
 ‘Eles dançam’ (como deduzo a partir do ruído).

Com expressões de percepção direta de eventos, o locutor indica que experimentou o que lhe foi comunicado com os seus próprios sentidos. Esta categoria inclui tanto a percepção visual direta como a percepção através de outros órgãos sensoriais (cf. exemplos 6 e 7 acima). Neste contexto, também podem existir sufixos que exprimem a presença e ausência de percepção direta, podendo mesmo contrastá-las (cf. Dixon, 2004, p. 204):

- (8) Jarawara: *Wero kisa-me-no ka-me-hiri-ka*
 ‘Wero desceu da sua rede (que eu não vi), e saiu (que eu vi).’

Hengeveld & Dall’Aglío Hattner (2015, p. 488) sublinham o critério da presença da percepção sensorial imediata, e, nesta base, contrastam a percepção direta do evento com a dedução, a inferência e a evidencialidade reportativa, que não implicam a percepção sensorial.

Willett (1988, p. 57) divide os diferentes tipos de probabilidades de forma algo diferente quando distingue, por um lado, a sua própria experiência como probabilidades diretas e, por outro lado, a comunicação e a inferência como probabilidades indiretas:

	{	experiência	{ visual	
	{ direta -	pessoal	{ audição	
	{		{ outros sentidos	
	{			
tipos de	{	{	{ de segunda mão] boato
evidência	{	{ comunicação	{ de terceira mão	
	{	{	{ folclore, tradição	
	{ indireta {			
	{	{ Conclusão	{ resultados de	
	{	{	{ considerações	

Contudo, trabalhos recentes, em particular, sublinham que a forma de delimitação entre tipos de evidencialidade é específica para cada língua individual (Haßler, 2016, p. 354). O espaço semântico de evidencialidade pode ser dividido de tal forma que a distinção entre o acesso direto e indireto à percepção do facto comunicado é primordial, como nas línguas balcânicas e caucasianas, onde as utilizações de quotas são apenas uma variante pragmática e contextual dentro de um grupo maior de marcadores de evidencialidade indireta. Em quíchua e letão, por outro lado, a distinção entre formas de quotas e formas não-quotativas é sistemática. Plungian (2001, 353) fala de “diferentes possibilidades de agrupamento de valores evidenciais”, o que parece aplicar-se também às condições, nas línguas indígenas no território do Brasil.

2. Evidencialidade de uma perspectiva geolinguística

Uma vez que a evidencialidade é sistematicamente processada em várias línguas faladas no Brasil e deve ser obrigatoriamente expressa, a questão de se saber se o português do Brasil também desenvolveu tais meios de expressão parece, pelo menos, não rebuscada. Quando as línguas estão em contacto numa região, podem pedir emprestadas quaisquer categorias à parte e podem convergir na expressão de significados obrigatórios. Uma vez que a expressão de significados evidenciais é obrigatória nas línguas indígenas no Brasil, coloca-se a questão de saber se os meios correspondentes também evoluíram no português do Brasil para a expressão de marcadores evidenciais que são importantes para os falantes. Dado que a evidencialidade é uma categoria semanticamente importante e comunicativamente rica, a omissão de marcadores da origem do conhecimento do locutor poderia ser associada à incompetência de falar, à violação de normas sociais, ou mesmo à mentira (Aikhenvald, 2018, p. 148).

Na bacia do rio Vaupés e áreas adjacentes do Brasil e da Colômbia, existe uma área deste tipo, onde línguas tucanas e línguas aruaques não aparentadas estão em contacto entre si. Nesta área existem contactos entre línguas, o que também levou à adoção de marcadores evidenciais. Após os falantes da língua arahuaca Tariana terem migrado para a região de Vaupés, há vários séculos, marcadores opcionais de temporalidade e modalidade foram reanalisados como sinais da fonte de informação fundidos com uma característica temporal (Aikhenwald, 2018, p. 154; cf. também Aikhenvald, 2004, p. 294; Epps, 2005):

- (9) Tucano: diâyi wa'î-re ——— yaha-a-**mi**
 cão peixe-TOP.NON.A/S roubar-REC.P-VIS.3sgnf
- (10) Tariana: tsinu kuphe-nuku ——— di-nitu-**ka**
 cão peixe-TOP.NON.A/S 3sgnf-roubar-REC.P.VIS.

‘O cão roubou o peixe (eu vi-o)’

A língua tariana também desenvolveu os evidenciais correspondentes para as outras fontes de informação. É claro que não se pode presumir um desenvolvimento tão completo de um sistema de evidencialidade para o português do Brasil. Os marcadores evidenciais também não precisam de ser emprestados como tal, o que corresponderia a uma propagação direta desta categoria. O facto de o empréstimo de morfemas gramaticais ser bastante raro é também verdade para os marcadores evidenciais (Aikhenvald, 2018, p. 162). No entanto, a expressão de certos significados evidenciais sob as impressões derivadas de línguas de contacto – mesmo que estas estejam ameaçadas de extinção e só sejam faladas por alguns falantes – pode associar-se a elementos da língua dominante.

No contexto de evidenciais emergentes, tem havido um intenso debate sobre um continuum entre a marcação lexical e gramatical da evidencialidade (Squartini, 2007; Aikhenvald, 2007; Diewald & Smirnova 2010; Alcázar 2018), que ainda está em curso. Já se falou do aparecimento de um marcador de evidencialidade no contexto do marcador espanhol *dizque* (Alcázar, 2018, p. 725). Para *dizque*, derivado do verbo *dezir* e contraído com o complementador *que*, comprovou-se no espanhol colombiano um aparecimento tanto como marcador da reprodução da fala como do boato e da modalidade epistémica. Isto foi tomado como prova de que dispositivos de expressão lexical e gramatical deste tipo de evidencialidade indireta podem estender o seu significado no sentido da expressão de dúvida epistémica (Travis, 2006).

Estudos sobre o marcador espanhol *dizque* assumem que esta forma pertence a duas categorias, entre as quais existe um continuum: por um lado, é uma partícula, e, por outro, é um modificador verbal (Alcázar, 2018, p. 726). Como partícula, *dizque* tem uma distribuição parentética relativamente ilimitada (Kaltenböck, Heine & Kuteva, 2011, p. 852-854) e várias funções semânticas e pragmáticas. Assim, *dizque* pode exprimir a evidencialidade quotativa, reportativa e indireta, a modalidade epistémica e a miratividade. Como modificador verbal, *dizque* produz uma nova unidade sintática com o verbo que tem principalmente significado evidencial e, no máximo,

associações epistêmicas fracas. Neste uso, *dizque* tem escopo sobre toda a frase e, pelo menos em espanhol colombiano e equatoriano, tem características que pertencem a uma evidencialidade gramaticalizada. Como resultado de processos de gramaticalização, pode ter surgido da fusão ou aglutinação da 3ª pessoa do singular (11), da 3ª pessoa do plural (12) ou da forma impessoal pronominalizada (13) e com o complementador *que* (cf. Alcázar, 2018, p. 729):

- (11) Dice que llegaron tarde. - - - - -
 (12) Dicen que llegaron tarde. - - - - -
 (13) Se dice que llegaron tarde. - - - - -
- ▶▶▶ (14) Diz que llegaron tarde.

Como Travis (2006) já observou, *dizque* pode ocorrer em espanhol colombiano com uma função puramente evidencial no sentido de quota (15) ou reportativa (16) (cf. Alcázar, 2018, p. 729):

- (15) A: Y yo dizque
 M: @@@
 A: [XXX], <VOX mi amor. ¿A qué horas fue que llegamos VOX?>
 Y <@no, dizque @>, <VOX No, hace como dos o tres horas VOX>
 Y hacia como media hora acabábamos de llegar.

- (16) porque dizque iba a enterrar a una persona.

Além disso, *dizque* também pode expressar dúvidas sobre o conteúdo do enunciado, numa função epistêmico-modal. Especialmente em usos com incidência sobre adjetivos é realçada a leitura epistêmica (17) (cf. Alcázar, 2018, p. 730):

- (17) - Pues, ¿que oíste?
 Una cosa que dijeron los del gobierno ese *dizque* provisional.

Tendências semelhantes às encontradas no espanhol colombiano e equatoriano podem ser encontradas no português do Brasil. É de notar que o aparecimento de marcadores evidenciais a partir de formas do verbo ‘dizer’ foi ainda observado noutras línguas românicas, e em particular em línguas na periferia da área românica, por exemplo por Cruschina & Remberger (2008) para o galego, o romeno, o sardo e o siciliano, por Haßler (2002) para o francês canadiano e por Friedman (2000) para o romeno. López Izquierdo (2006) descreveu o surgimento de *dizque* como uma estratégia evidencial (*stratégie médiative*) no espanhol medieval.

Os dispositivos linguísticos que poderiam tornar-se marcadores de evidencialidade, neste caso, de probabilidades reportativas e de quotas, estariam, assim sendo, presentes nas línguas românicas. Que um marcador como *dizque* se estabeleceu mais em certas variedades de espanhol e no português do Brasil do que em outras variedades pode estar relacionado com a presença de marcadores de evidencialidade obrigatórios nas línguas de contacto indígenas. Os marcadores de evidencialidade obrigatórios criam uma imposição à marcação da origem dos conhecimentos do locutor, o que também pode ter um efeito no uso de uma língua sem meios de evidencialidade obrigatórios.

3. *Diz que* no português do Brasil

Na sua dissertação, Vânia Cristina Casseb Galvão (2001) estabeleceu o objetivo de demonstrar que a construção (*ele*) *diz que*, partindo de uma frase matriz, se tornou um marcador de evidencialidade em certos usos num processo de gramaticalização. Conduziu a sua pesquisa utilizando um corpus do português do Brasil moderno, escrito, da Universidade Estadual Paulista, compreendendo 100 milhões de palavras (Galvão, 2001, p. 26). Em certos contextos, a construção *diz que* introduz uma oração incorporada, mas não desempenha uma função predicativa e não requer um agente de fala. O facto de no mundo real não haver nenhuma referência à qual se possa

atribuir o papel da origem do enunciado é ilustrado por Galvão (2001, p. 21) com o seguinte exemplo.

- (18) L1 [...] e assim:: morreu um colosso de gente aqui em São Paulo nessa ocasião que foi ...()
- L2 *diz que* em Jundiá também enterravam ...agora (da um) [...] em ()
Campinas foi menos (NURC/SP,D2, INQ.396)

Neste exemplo, a construção *diz que* não só introduz uma informação não confirmada, mas também marca a estratégia do locutor de fazer o interlocutor compreender que ele próprio não é a fonte da informação e que não a quer identificar. Tais usos da construção *diz que* são frequentes, especialmente na língua falada, e foram comprovados pela primeira vez entre os Xingu (Galvão, 2001, p. 21), um grupo de povos indígenas que vivem nas zonas altas do Rio Xingu, em Mato Grosso, Brasil.

Embora *diz que* no exemplo (18) seja claramente utilizado no sentido pragmático, há também indicações da atitude do locutor em relação ao valor de verdade da oração. Os marcadores da origem dos conhecimentos do locutor estão frequentemente associados a valores modais, especialmente em línguas sem marcadores evidenciais gramaticais.

O desenvolvimento de *diz que* num marcador epistêmico e evidencial pode ser bem rastreado pela mudança na sua função em relação à predicação encaixada. Na frase seguinte, *tia Ursula diz* é uma oração matriz que introduz a proposição.

- (19) Tia Ursula diz que a água daqui faz bem ao cabelo (...) (PD -LD) (Galvão, 2001, p. 21)

Neste uso, o verbo *dizer* denota uma relação entre um ser humano e o seu ato de fala, que toma como segundo complemento. *Dizer* ocorre aqui, portanto, numa predicação em que a predicação encaixada *que a água*

daqui faz bem ao cabelo é um complemento do verbo. Este *diz que* pode ser chamado de construção predicativa, enquanto que o *diz que* evidencial é não predicativo (cf. Galvão 2001, p. 131).

Galvão (2001, p. 187-188) apresenta vários argumentos para a construção predicativa (*ele diz que*) como o ponto de partida mais provável para a gramaticalização, em comparação com *dizem que*, no decurso da qual o significado concreto da marcação do ato performativo do discurso se perdeu em favor do significado mais abstrato da marcação de uma fonte de conhecimento. Primeiro, de acordo com Lyons (1977, p. 638), a terceira pessoa (*ele*) não está associada a qualquer papel no processo de comunicação. Esta distância, argumenta, é preservada no significado gramaticalizado de *diz que*. Segundo Frajzyngier (1996, 103), *que* é um complementador universal que, em ligação com os verbos de dizer, faz uma distinção entre o mundo discursivo *de dicto* e o mundo real *de re*. Com base neste uso predicativo de *ele diz que*, Galvão (2001, p. 189-192) estabelece um continuum de significados predicativos e não predicativos evidenciais que vão desde um determinado agente humano da fala até à perda do agente. Os diferentes significados neste continuum são representados como presentes no uso da língua, ou seja, tanto o ponto de partida como as fases intermédias não se perdem no processo de gramaticalização. Nos casos em que *diz que* é reanalisado como marcador evidencial, há mesmo uma fusão, feita por alguns autores com um hífen (20), apóstrofe (21) ou como contração (22) (cf. Galvão, 2001, p. 208):

- (20) – O turco só quando chegou perto do homem reparou na sua grandeza e se espantou:
– Homem, como o senhor é grande! [...]
– *Diz-que* Deus fez eu no mesmo dia que fez o Brasil e nesse dia tinha levantado com mania de exagero, com o perdão da palavra. Tenho para mais de dezena de arrobas de peso e quase que braca e meia de comprimento.
(ID –LR)

- (21) – O corpo de Inacinho ficou o tempo todo fechado no caixão, proibido de ninguém ver ele, mo'de o estrago... Seu Xisto do Engenho? Veio sim, vieram de volta o povo todo; cada um de embornal mojado, mas tudo milho carunchado, sem serventia...

Seu Tonho Inácio parece que 'ta com muita esperança mas é um zunzum que chegou do Campanário: *diz'que* Seu Isé de Arimatéia foi visto de noite, já descendo o Caramujo, por uns cujos que velavam a criança defunda numa casa de tábua... (CH - LR)

- (22) [...] o Facebook *dizque* está ciente de o compartilhamento de este tipo de mensagem (CdP, Globo.com 17-07-19)

É impressionante que, no seu significado mais gramaticalizado, *diz que* se encontre normalmente no início de uma frase. No entanto, em situações de discurso cotidiano, também pode ser encontrada no final de uma frase, à qual se refere então de forma anafórica:

- (23) Nas Escrituras Sagradas há muitos casos como esses em que Jesus Cristo expulsou o demônio do corpo de muita gente, *diz que*. (Galvão, 2001, p. 211)

Reanalisado como um marcador de evidencialidade não predicativo, *diz que* já não vincula um sujeito e já não é infletido por tempo, modo ou pessoa. Nos exemplos seguintes, *diz que* é utilizado com uma função não predicativa; um portador da ação de dizer não está presente, nem está implícito. Galvão (2001, p. 131) nota diferentes significados evidenciais nestes exemplos, de acordo com a tipologia de Givón (1995). Enquanto que *diz que* em (24) marca evidencialidade indireta, esta construção em (25) marca inferência e em (26) boato:

- (24) *Diz que* era um rei, tinha uma filha por casar... (CNT-LR)

- (25) Geni: Pois e, no Cassino da Urca, olha que chique. Parece ate que ela e uma jovem muito simpatica, culta, prendada...E rica, e claro. *Diz que* a família dela tem muito dinheiro. (OM – LD)
- (26) Bastiao: *Diz que* pedacim do chifre cura quebrante. (REBLD)

Como marcador do mundo narrado, como em (24), *diz que* ocorre particularmente em português como língua de contacto entre falantes da língua indígena baníua (Galvão 2001: 137), que é falada na região fronteira do Brasil, Colômbia e Venezuela. A construção é produtiva com este significado especialmente na introdução de fábulas, lendas e textos folclóricos:

- (27) *Diz que* um leão enorme ia andando chateado, não muito rei dos animais, porque tinha acabado de brigar com a mulher e esta lhe dissera poucas e boas (FAB-LR). (Galvão, 2001, p. 137)

A omissão de *diz que* neste exemplo poderia levar a um atraso na compreensão ou a uma falsa compreensão. As atitudes humanas são atribuídas aos animais em (27) e o facto proposicional descrito não é real enquanto tal, resultando na necessidade da utilização de uma construção que confirme o valor da verdade e dê coerência ao enunciado. Por exemplo (25), por outro lado, a construção *diz que* marca uma conclusão que o locutor retirou do facto de o adolescente apresentado frequentar um casino chique. Já na frase anterior, parece que introduz a conclusão de que ela deve ser simpática e educada; *diz que* é então usada para acrescentar a suposição de que a sua família deve ter muito dinheiro.

Implícito na evidencialidade do boato é o baixo grau de envolvimento físico e cognitivo por parte do locutor, que pode obter o conteúdo das suas afirmações a partir do conhecimento comum, sem ter de o comprovar ou indicar uma fonte exata. O não-predicativo *diz que* ocorre mais frequentemente como expressão de boato, desempenhando três funções (Galvão, 2001, p. 140):

a) Afirmação de uma verdade comumente tida como tal

Embora a marcação do conteúdo de uma declaração como sendo do conhecimento comum não seja realmente necessária, pode ser vantajoso para o processamento na comunicação marcar a informação comunicada como de conhecimento comum sem que o falante tenha de citar uma fonte para a mesma (Galvão, 2001, p. 141-142):

(28) O cabelo? Ora, cabelo cresce. *Diz que* cabelo raspado, quando cresce, vem ate mais cacheado... (BP-LJ)

A certeza e credibilidade de afirmações como (28) são reforçadas pela construção *diz que*, embora o falante não possa dar qualquer prova ou citar fonte específica para elas. Estas são afirmações absolutas, atemporais, que têm reivindicações de verdade incondicionais, que, segundo Barnes (1984, 262), são correspondentes à evidencialidade assumptiva da língua tuyuca.

b) Reprodução de boato

Quando uma informação é ouvida e não tem uma fonte específica, normalmente é-lhe dada pouca credibilidade. Para ultrapassar a relação de tensão entre a informatividade e o facto de o falante não poder ou não querer nomear a fonte do seu discurso, são utilizados marcadores evidenciais de boato, com os quais o locutor renuncia à responsabilidade pelo valor da verdade do discurso. Por exemplo (29), *diz que* é usado para marcar a fonte incerta de informação, e esta incerteza é então sublinhada de forma predicativa por *mas, para mim, isso e boato*:

(29) – E o Betico, Antero, tiveram notícias dele?
– *Diz que* pegaram ele la perto da Moeda. Mas, para mim, isso e boato....
companheiro nos perdemos (...) (V-LR)

Neste enunciado, é retomada uma fonte estranha, mas é feita referência a um boato em vez de uma citação, como na evidencialidade de quota. O locutor não tem experiência direta da fonte da comunicação; limita-se a transmiti-la sem mencionar a sua origem. O marcador *diz que* aproxima o enunciado do domínio do irreal e hipotético. De todos os significados evidenciais da construção *diz que*, a marcação de boato é o mais frequente no corpus utilizado por Galvão (2001).

c) Formulação de suposições por parte do locutor

Em outros usos não predicativos *de diz que*, só o próprio falante é a prova do conteúdo do enunciado, que surge apenas do seu pensamento. A informação comunicada pode advir de situações anteriores, que, contudo, não precisam de ter uma relação direta e imediata com a conjectura comunicada. Isto pode ser observado no exemplo (28), onde Estela pergunta a Amorim se Jason ainda conheceria a pobreza e, após uma frase interrompida, afirma que dois rapazes estariam à procura do seu pai na esquina. Aqui, não se trata apenas de estabelecer a indeterminação da origem da proposição, mas é deixado em aberto mesmo o quadro comunicativo, o que, de outra forma, indicaria uma perspectiva das pessoas ou dos factos envolvidos (Galvão, 2001, p. 146):

(28) Estela: Inda conhece pobre? Que beleza...*Diz que* tem dois meninos procurando o pai ali na esquina.

Amorim: Ce ta ficando louca, mulher? (GA-LD)

Em todas as utilizações não predicativas da construção *diz que* acima mencionadas, o orador é marcado como não estando presente no local do evento representado. Trata-se assim de uma evidencialidade indireta, que ocorre de várias formas.

Na análise quantitativa realizada por Galvão (2001) sobre um total de 1051 ocorrências, verificou-se que a construção *diz que* ocorre mais frequentemente em sentido predicativo, com 89,6%. Dentro desta

percentagem, os textos jornalísticos representaram 39,5%, o que resulta do facto de o valor da verdade nestes textos dever ser confirmado por referência a uma instância de afirmação. Segundo a investigação de Galvão, o grau de utilização de marcadores evidenciais não predicativos decresce nos textos de maior formalidade. Os usos não predicativos de *diz que* verificaram-se em 9,1% das ocorrências do corpus escrito. Isto explica-se principalmente pelo facto de tais mudanças de significado se darem muito raramente em linguagem escrita (Galvão, 2001, p. 153). Além disso, existem aparentemente limitações regionais, na medida em que não foram encontrados exemplos não predicativos de *diz que* em entrevistados do Rio de Janeiro e Salvador. A maioria das 96 ocorrências não predicativas de *diz que* ocorreram em romances (64,5%, ou seja 29) e dramas (23,9%, ou seja 30) (Galvão, 2001, p. 156), aparentemente devido a passagens em oralidade fingida, em discurso pessoal:

- (29) O pobre do ceguinho *diz que* apareceu na porteira inchado, todo sangrando de topadas no arvoredado, e daí rolou uma praga brava no seu Sabianinho. (ID-LR)
- (30) Coronel Fuão: Esse é um doido inofensivo. Parece que era mesmo menino quando caiu do arraial do Conselheiro. Vigia Marcolino: *Diz que* andou com Lampião também, mais o Corisco...(FO-LD)

O significado evidencial do marcador *diz que* não predicativo não é afetado pela temporalidade da seguinte predicação. Assim, ocorre de forma atemporal como um marcador de evidencialidade com predicações subsequentes no presente (31), no imperfeito (32) e no futuro perifrástico (33):

- (31) Mas ele vai vivendo no seu bem-bom. Já não tem onde botar dinheiro. *Diz que* esconde até no oco do santo. (SELR)
- (32) *Diz que* o bafo do bicho era tanto e a goela se via lá dentro que era um nojo completo. (SAR-LR)
- (33) Mas tão roubando a venda e *diz-que* vão agarrar as mulher a pulso e passar a geral em nos, uma por uma. (TG-LR).

No *Corpus do português* (2012-2019), foram encontradas 298072 provas de *diz que* do português do Brasil, das quais 2000 foram selecionadas de forma aleatória e analisadas. Os resultados qualitativos e quantitativos do estudo de Galvão (2001) foram confirmados. Enquanto na maioria dos casos *diz que* é usado predicativamente (34), também surge como um marcador geral de evidencialidade indireta em algumas afirmações, a maioria das quais são casuais ou parentéticas (35, 36):

- (34) Bolsonaro *diz que* leis em excesso “amarram” ações de o governo Presidente fez declaração. (CdP, <https://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/silvio-santos-brinca-com-filtro-em-que-vira-mulher-eu-era-travesti/2019/07/01-352703.html>)
- (35) [...] um pedaço de o livro “Nobrezas de o Novo Mundo” a ele, *diz que* prefere o índio — que se tornou cavaleiro português por decisão de Dom Sebastião (CdP, <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/justica-do-rio-concede-616-medidas-protetivas-mulheres-em-seis-meses-23773125>)
- (36) De Sanctis, em o entanto, rejeita a comparação – *diz que* não viu similaridades, pois sua situação foi muito mais difícil. (CdP, <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48753426>)

4. Outros marcadores de evidencialidade indireta e resumo

Além da construção *diz que*, o verbo *parecer* é também frequentemente utilizado para marcar a evidencialidade (cf. Gonçalves, 2003). O verbo *parecer* pode ocorrer em diferentes construções sintáticas. Em primeiro lugar, os usos de *parecer* com o significado ‘assemelhar-se’ (37), que não podiam tornar-se o ponto de partida de marcações evidenciais, devem ser distinguidos das ocorrências enquanto verbo copulativo ou semelhante com um significado modal (38):

- (37) Eu *pareço* mais a mãe dela, porque a mãe dela fica o tempo todo fora de casa. (PEUL/TEM/T11) (Gonçalves 2003: 129)
- (38) Mas você é tão bela e tão perfeita: *parece* feita de a pequena parte de perfeição que há em cada criatura. (CdP, Jornal do Globo 17-05-21)

Frequentemente, a predicação evidencializada e modalizada é encontrada encaixada na construção *parece que* que a precede:

- (39) *Parece que* tem um colega de trabalho que quer aprender com você. (CdP, Jornal Visão Oeste 19-06-30)

Em tais construções, o locutor pode também acrescentar-se como portador da conclusão (40) ou mencionar outra pessoa como fonte (41):

- (40) Do ponto de vista formal, *me parece* inadequado dar esse tratamento em o âmbito de a reforma previdenciária. (CdP, Terra 19-06-23)
- (41) Adora, *lhe parece* um retrato acertado de o negócio de a imprensa. (CdP, El País Brasil, 18-11-04)

O que salta aqui à vista, porém, é que *me parece*, com 10088 ocorrências, ocorre 13 vezes mais frequentemente do que o *lhe parece* (790 ocorrências) para o português do Brasil, no *Corpus do português*. Assim, a subjetividade da inferência do locutor parece dominar claramente no uso de *parecer*. Predicações com formas verbais não finitas também podem ser marcadas evidencialmente com *parecer*:

- (42) *Parece* haver uma decisão para intensificar a situação em a montanha. (CdP, UOL 19-06-30)

No seguinte exemplo de Gonçalves (2003, p. 115), *parece que* marca três vezes as conclusões do locutor, tal como a sua distância do seu conhecimento

e a sua base empírica, o que é realçado pelas inserções em versaletes. Para além da sua função de marcador de evidencialidade assumptiva, parece que o marcador *parece que* aqui também transporta valores modais, na medida em que lança dúvidas sobre a exatidão do conteúdo das afirmações:

- (43) Tem um posto de saudezinho aí embaixo que *parece que* faz ali uns curativozinho de vez em quando. Vem um medico que *parece que* NÃO SEI SE VEM TODO O DIA, NÃO ESTOU AO PAR, EU NÃO ESTOU EM CONDIÇÕES DE DAR ESSA INFORMAÇÃO, PORQUE EU NÃO FREQUENTO ESSE POSTO DE SAÚDE, não foi preciso ainda. Mas vem um medico aí. *Parece que* vem de manhã cedo, oito ou nove horas, e dá lá umas consulta é vai embora. (PEUUCEN/E03)

Também no seguinte exemplo de Gonçalves (2003, p. 115) é feita uma conclusão numa base empírica muito fraca, recorrendo à memória de um tempo passado, cuja fiabilidade não é, consequentemente, muito elevada:

- (44) A moto *parece que* naquela época custou uns oitenta e poucos mil cruzeiro. (PEUUCEN/E33)

As proposições contidas em (43) e (44) são representadas como remotas da consciência do falante, e nenhuma facticidade lhes é associada. No exemplo seguinte, ao explicar a perda da base para a conclusão, a evidencialidade assumptiva é ainda mais sobreposta pela modalidade irreal. O interlocutor interrompe então a locutora e tenta preencher o conhecimento em falta, utilizando um marcador evidencial modal (*acho que > ach!*) para manter a declaração em aberto:

- (45) Inf: eu tenho assistido umas Peças eu assisti u::ma com a::aquela artista magrinha de televisão aquela moreninha que é bailarina também ... eh
Doc: Marília Pera
Inf: Mal é ... também NÃO LEMBRO O NOME DA PEÇA mas me PARECE QUE era ...

‘Um grito num:.’

Doc: ‘parado no ar’ ...

Inf: ach/ não não foi essa... (NURC/SET/DIDI234/SP)

As formas de *parecer* também podem ocorrer parenteticamente ou como satélites para reduzir a responsabilidade do locutor pelo conteúdo do enunciado. Em tais usos, estas construções aproximam-se dos advérbios, como se pode verificar nos dois exemplos seguintes de Gonçalves (2003, p. 123):

- (46) hoje pode-se fazer o [casamento] religioso com efeitos civis e tal... então mas no/ [nós nos casamos no civil... *parece que* de manhã ... assim por volta de ... dez e meia onze horas por aí]. (NURC/RJ/SET/71)
- (47) [o pedágio] passou para *parece que* setenta cruzeiro a partir de dia prime – depois de amanhã. (PEUUCEN/E32)

Em tais usos, *parece* pode ainda ocorrer sintaticamente, de forma independente do seu contexto e sem um complementador (Gonçalves, 2003, p. 125):

- (48) [...] naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns ... uns sanduíches ... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... *parece* ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim. (NURC/RJ/SET/71)

Entre os dispositivos linguísticos que competem com *parecer* na marcação da evidencialidade, os verbos *achar* e *crer* (Gonçalves, 2003, p. 153) e os advérbios *provavelmente*, *obviamente* e *visivelmente*, que ocorrem também no português europeu e no português do Brasil, merecem particular atenção.

Os verbos *achar* e *crer* podem igualmente ser usados para marcar conclusões inferenciais e assumptivas:

- (49) Hoje eu me sinto péssimo por não saber falar em libras. *Acho que* como professor eu preciso aprender. (CdP, Jornal Opção, 19-06-30)
- (50) Será que um dia isso ocorrerá em o Brasil? Sou otimista. *Creio que* em 200 anos chegaremos lá. (CdP, O Diário 19-06-26)

No marcador *visivelmente*, a característica da evidencialidade visual ainda domina, o que especializa este advérbio à expressão da evidencialidade direta. Por exemplo (51), a característica de o Presidente Lula estar fora de si é inferida a partir dos seus movimentos corporais:

- (51) Notabilizou-se por arroubos políticos grosseiros, como o ataque a o Presidente Lula em uma reunião de trabalho em que, *visivelmente* fora de si, esmurrou a mesa a exigir que seu suposto desafeto tomasse prisão perpétua. (CdP, <https://jornalggn.com.br/artigos/general-helene-peca-para-sair-ou-seja-exonerado-por-eugenio-de-aragoa/>, 19-06-27)

Também no exemplo seguinte, a conclusão do autor do texto de que o público está a ficar cada vez mais jovem a cada ano é derivada das suas características físicas:

- (52) A cada ano que passa, tem atraído um público *visivelmente* mais jovem, e por isso trazemos alternativas que combinem com esse perfil, [...] (CdP, Jornal Correio, 19-06-12)

Embora *visivelmente* pareça ser especializado na expressão da evidencialidade visual, *obviamente* já não revela qualquer especialização num determinado tipo de evidencialidade. Enquanto a presença de muitas coisas novas numa plataforma ainda pode ser derivada da evidencialidade visual (53), a conclusão de que a tapioca falta nos menus brasileiros porque a aristocracia identificou-se com a França e não com os índios (54) parece puramente especulativa e deve, portanto, ser atribuída à evidencialidade assumptiva:

- (53) Há um monte de coisas novas, *obviamente*, em esta plataforma [...] (CdP, SempreUpdate Notícia, 19-06-30)
- (54) Quase não existe menção de tapioca em os menus de o Brasil, *obviamente* porque a aristocracia queria se identificar com a França, e não com os índios (CdP, Estado de Minas, 19-06-30)

No exemplo (55), *obviamente* realça a afirmação de que é importante ter boas notas, ao que acresce a apreciação das atividades extracurriculares.

- (55) Envolve-se em atividades extracurriculares. Não adianta ter só um histórico da graduação cheio de notas 10, apesar de ser importante ter boas notas, obviamente. Mostrar que se envolve com algumas causas e atividades extraclasse é bastante valorizado. (CdP, <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/06/26/estudante-de-porto-alegre-e-aceita-em-seis-universidades-para-mestrado-nos-estados-unidos.ghtml>)

Os valores evidenciais de *provavelmente*, que na realidade é considerado um advérbio modal, também não são delimitados de acordo com a escala de evidencialidade. Predominantemente, este advérbio assinala uma evidencialidade inferencial (56) ou assumptiva (57), embora não se exclua o boato (58).

- (56) Uma grande e forte massa de ar frio de origem polar avança sobre o Brasil durante a primeira semana de julho de 2019. Entre os dias 1 e 8 de julho, o país deve sentir um resfriamento muito intenso, que ocorre poucas vezes durante um inverno. Muito *provavelmente* será a mais intensa de 2019 e talvez só tenhamos uma com esta força este ano. (CdP, <https://notisul.com.br/geral/148722/brasil-gela-durante-a-primeira-semana-de-julho>)
- (57) A desigualdade, portanto, tem a ver com outra coisa, *provavelmente* por razões políticas, como os incentivos seletivos, o fechamento de os sindicatos (CdP, Rede Brasil Atual 19-06-30)

- (58) Contudo, logo quando entraram no banco o alarme de segurança disparou, o que provavelmente motivou a fuga sem levar nada. (CdP, Diário de Nordeste, 19-06-30)

Para o português do Brasil, não é possível falar de um sistema gramaticalizado de evidencialidade no qual diferentes valores evidenciais seriam distribuídos entre formas linguísticas específicas. A influência das línguas de contacto com evidenciais gramaticais pode ser vista mais na intensidade do uso de marcadores evidenciais do que em demarcações de acordo com diferentes fontes de conhecimento. A expressão da evidencialidade no português do Brasil é principalmente lexical, juntamente com as formas verbais de condicional, de imperfeito (Haßler, 2016, p. 332-340) e de futuro (Oliveiro, 2016), que também ocorrem em formas verbais de outras línguas românicas. Além disso, os marcadores léxicos da origem dos conhecimentos dos falantes podem ser utilizados para múltiplas fontes e, ademais, podem ainda ter significados modais. Em comparação com o uso predicativo, o marcador *diz que*, que é típico do português do Brasil, é modificado na medida em que ocorre regularmente sem um sujeito e também não dá uma referência específica a uma instância de locutor citado. O facto de a construção *dizer que* ainda poder ser utilizada em predicados, a inexistência da natureza obrigatória da sua utilização, bem como a mistura de vários significados evidenciais, sugerem que neste caso não estamos perante o resultado de um processo de gramaticalização, mas de pragmatização.

Bibliografia

AIKHENVALD, Alexandra. **A Grammar of Tariana, from northwest Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

AIKHENVALD, Alexandra. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

AIKHENVALD, Alexandra. Information source and evidentiality: what can we conclude? **Italian Journal of Linguistics/Rivista di Linguistica**, v. 19, n. 1, p. 209-227, 2007.

AIKHENVALD, Alexandra. Evidentiality and language contact. In: AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). **The Oxford Handbook of evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 148-174.

ALCÁZAR, Asier. Dizque and other emergent evidential forms in Romance languages. In: AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). **The Oxford Handbook of evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 725-740.

BARNES, Janet. Evidentials in the Tuyuca verb. **International Journal of American Linguistics**, v. 50, p. 255-271, 1984.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge, New York, Port Chester, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1985.

CORPUS do português. <https://www.corpusdoportugues.org/now/>, 2012-2019 (último acesso 06.05.2020)

CRUSCHINA, Silvio; REMBERGER, Eva-Maria. Hearsay and reported speech: evidentiality in Romance. In: Benincà, P.; Damonte, F.; Penello, N. (eds.). **Selected proceedings of the XXXIV incontro di grammatica generativa**. = **Rivista di grammatica generativa** vol. 33, p. 95-116, 2008.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena (eds.). **Linguistic realization of evidentiality in European languages**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2010.

DIXON, Robert M. W. **The Jarawara language of Southern Amazonia**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

EPPS, Patience. Areal diffusion and the development of evidentiality. Evidence from Hup. **Studies in Language**, v. 29, n. 3, p. 617-650, 2005.

FRAJZYNGIER, Zygmunt. **Grammaticalization of the complex sentence: a case study in Chadic**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

FRIEDMAN, Victor. Confirmative/nonconfirmative in Balkan Slavic, Balkan Romance, and Albanian with additional observations on Turkish, Romani, Georgian, and Lak. In: JOHANSON, Lars; UTAS, Bo (eds.). **Evidentials. Turkic, Iranian and neighbouring languages**. Berlin: De Gruyter, 2000, p. 329-366,.

GABAS Jr., Nilson. **A Grammar of Karo, Tupi, Brazil**. Santa Barbara, CA: University of California Santa Barbara dissertation, 1999.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, tese, 2001.

GIVÓN, Thomas. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Gramaticalização, modalidade epstêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

HASSLER, Gerda. Evidentiality and reported speech in Romance languages. In: GÜLDEMANN, Tom; RONCADOR, Manfred von (eds.). **Reported discourse. A meeting ground for different linguistic domains**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002, 143-172. (Typological Studies in Language 52)

HASSLER, Gerda. **Temporalität, Aspektualität und Modalität in romanischen Sprachen**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2016.

HENGEVELD, Kees; HATTNER, Marize Mattos Dall'Aglio. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

HOPPER, Paul J. **Tense-aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1982. (Typological Studies in Language 1)

KALTENBÖCK, Gunther; HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. On thetical grammar. **Studies in Language**, v. 35, p. 852-897, 2011.

LÓPEZ IZQUIERDO, Marta. L'émergence de dizque comme stratégie médiative en espagnol médiéval. **Cahiers d'études hispaniques médiévales**, v. 29, p. 483-493, 2006.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: University Press, 1977.

OLIVEIRO, Teresa. Between evidentiality and epistemic modality: The case of the future and the conditional in European Portuguese. **Belgian Journal of Linguistics**, v. 29, n. 1, p. 101-122, 2016.

OSPINA BOZZI, Ana Maria, **Les structures elementaires du Yuhup Maku: langue de l'Amazonie colombienne**: Morphologie et syntaxe. Paris: Université Paris 7 thèse, 2002.

PLUNGIAN, Vladimir A. The place of evidentiality within the universal grammatical space. **Journal of Pragmatics. An interdisciplinary Journal of Language Studies**, v. 33, p. 349–357, 2001.

SQUARTINI, Mario. Investigating a grammatical category and its lexical correlates. **Italian Journal of Linguistics / Rivista di linguistica**, v. 19, n. 1, p. 1-6, 2007.

TELLES, Stella; WETZELS, Leo. Evidentiality and epistemic mood in Lakonde. In: ROWICKA, Grażyna J.; CARLIN, Eithne B. (eds.), **What's in a verb? Studies in the verbal morphology of the languages of the Americas**. Utrecht: LOT, 2006, p. 235–252.

TRAVIS, Catherine E. *Dizque*: a Colombian evidentiality strategy. **Linguistics**, v. 44, n. 6, p. 1269-1296, 2006. <https://doi.org/10.1515/LING.2006.041>

WEBER, David J. **A grammar of Huallaga (Huánuco) Quechua**. Berkeley: University of California Press, 1989. (Publications in Linguistics 112)

WILLETT, Thomas. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. **Studies in Language**, v. 12, n. 1, p. 51–97, 1988.